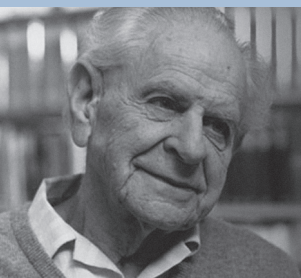


Coleção
Pensamento Contemporâneo 4

Bortolo Valle
Paulo Eduardo de Oliveira

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE KARL POPPER




CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

**INTRODUÇÃO AO
PENSAMENTO DE
KARL POPPER**

Bortolo Valle
Paulo Eduardo de Oliveira

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE KARL POPPER

Coleção Pensamento
Contemporâneo, 4


CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

Curitiba
2010

© 2010, Bortolo Valle e Paulo Eduardo de Oliveira
2010, Editora Universitária Champagnat

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
EDITOR CHEFE Prof. Vidal Martins

CONSELHO EDITORIAL

Cesar Augusto Kuzma
Fernando Hintz Greca
Humberto Maciel França Madeira
Luiz Alexandre Solano Rossi
Maria Alexandra Viegas Cortez da Cunha
Rodrigo José Firmino
Rodrigo Sánchez Rios

COORDENAÇÃO Ana Maria de Barros
BIBLIOTECÁRIA Viviane Gonçalves de Campos – CRB 9/1490
CAPA Silvana Carla Garcia Kuss, adaptação de Christopher Hammerschmidt
IMPRESSÃO Gráfica da APC

NÚCLEO DE APOIO EDITORIAL Bruno Pinheiro
Edena Maria Beiga Grein
Felipe Machado de Souza
Rene Faustino Gabriel Junior

PROJETO GRÁFICO Roberta Ferreira de Mello
DIAGRAMAÇÃO Christopher Hammerschmidt
REVISÃO DE TEXTO Giuliani Carneiro Dornelles Sato

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 3º andar
Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. (41) 3271-1701 - Fax (41) 3271-1435
e-mail: editora.champagnat@pucpr.br - www.editorachampagnat.pucpr.br

V181i Valle, Bortolo

Introdução ao pensamento de Karl Popper / Bortolo Valle,
Paulo Eduardo de Oliveira. – Curitiba : Champagnat, 2010.
172 p. ; 21 cm. (Coleção pensamento contemporâneo ; 4).

Inclui referências.
ISBN 978-85-7292-221-0

1. Popper, Karl Raimund, Sir, 1902- 2. Filosofia austríaca.
I. Oliveira, Paulo Eduardo de. II. Título. III. Série.

CDD 193



DEDICATÓRIA

*Ao Prof. Lafayette de Moraes,
mestre singular na ciência e na vida, que nos ensinou,
pelo exemplo, a lição popperiana da modéstia intelectual.*

Todo intelectual tem uma responsabilidade muito especial. Tem o privilégio e a oportunidade de estudar. Em troca, deve apresentar a seus congêneres (ou à sociedade) os resultados de seu estudo o mais simples, claro e modestamente que possa. O pior que podem fazer os intelectuais – o pecado cardinal – é pretender estabelecer-se como grandes profetas em relação aos seus congêneres e impressionar-lhes com filosofias desconcertantes. Qualquer um que não saiba falar de forma simples e com clareza não deveria dizer nada e continuar trabalhando até que possa fazê-lo.

Karl R. Popper

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A DEMARCAÇÃO DO SABER	15
1.1 A invenção das ciências	15
1.2 Popper e o problema da demarcação	17
1.3 Aspectos biográficos do filósofo	18
1.4 O marcante ano de 1919	19
1.5 O fim da Primeira Guerra	19
1.6 A experiência marxista	20
1.7 Os contatos com Freud e Adler	21
1.8 O encontro com Einstein	23
2 A PRIMEIRA GRANDE PUBLICAÇÃO	27
2.1 <i>A lógica da pesquisa científica</i>	27
2.2 Popper e o Círculo de Viena	28
2.3 <i>A lógica e as principais ideias de Popper</i>	30
3 A INFLUÊNCIA FILOSÓFICA QUE POPPER RECEBEU	33
3.1 A influência darwiniana	33
3.2 As influências filosóficas	35
3.3 A noção de ciência antes de Francis Bacon	35
3.4 A ciência indutiva de Bacon	37
3.5 A favor ou contra Bacon	40

3.6	A crítica de Popper a Bacon	41
3.7	Popper e a teoria baconiana dos <i>idola</i>	43
3.8	Um ponto de convergência	44
3.9	Os contrapontos entre Bacon e Popper	45
4	INFLUÊNCIA DE HUME NO PENSAMENTO DE POPPER	49
4.1	A crítica humeana ao método indutivo	49
4.2	O problema lógico da indução	51
4.3	O problema psicológico da indução	52
4.4	O ceticismo como solução	53
4.5	As posições aproximadas de Popper e de Hume	55
5	A INFLUÊNCIA KANTIANA SOBRE POPPER	57
5.1	Uma aproximação ao pensamento de Kant	57
5.2	A teoria do conhecimento de Kant	59
5.3	Kant e o problema da demarcação	61
5.4	Como salvar a metafísica	63
5.5	Uma análise popperiana da filosofia de Kant	65
5.6	Antes e depois de Popper	67
6	A SOLUÇÃO POPPERIANA DO PROBLEMA DE HUME	69
6.1	Os problemas de Hume e de Kant	69
6.2	A visão popperiana da indução	70
6.3	A adoção de um princípio de indução	71
6.4	É possível justificar a indução?	72
6.5	Indução e probabilidade	75
6.6	Como resolver o problema da indução?	76
6.7	Rejeição da lógica indutiva	77
6.8	Uma nova concepção de ciência	79

6.9	Superando Hume	80
6.10	A novidade da proposta popperiana	82
7	O PROBLEMA DA DEMARCAÇÃO	83
7.1	Para conhecer não é preciso demarcar	84
7.2	O significado da demarcação	85
7.3	Demarcação e atitude crítica	87
7.4	A ciência é sempre provisória	89
7.5	O caráter crítico da atividade científica	93
7.6	Demarcação, metafísica e significação	94
7.7	O caso das pseudociências	98
7.8	Programas metafísicos de investigação	100
7.9	A assimetria entre falsificação e verificação	101
8	MÉTODO, DEDUÇÃO E FALSEABILIDADE	107
8.1	Uma nova função para o método	107
8.2	Dedução e falseacionismo	109
8.3	Teorias não devem se autodefender	111
8.4	Teorias para serem refutadas	113
8.5	O método de tentativa e erro	117
8.6	O postulado metodológico e o critério lógico	119
9	A CRÍTICA DE LAKATOS AO FALSEACIONISMO DE POPPER	123
9.1	A metodologia dos programas de pesquisa	124
9.2	O falseacionismo dogmático	125
9.3	O falseacionismo metodológico	127
9.4	Divergências na história da ciência	128
9.5	Falseacionismo ingênuo e sofisticado	129
9.6	A metodologia dos programas de pesquisa	131
9.7	A crítica de Lakatos à epistemologia de Popper	133

10	CIÊNCIA NORMAL E CIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA	137
10.1	Por que analisar a posição de Kuhn?	137
10.2	Pontos de contato e semelhanças entre Popper e Kuhn	139
10.3	A primeira crítica de Kuhn a Popper	142
10.4	A segunda crítica de Kuhn a Popper	145
10.5	A terceira crítica de Kuhn a Popper	147
10.6	Da lógica à sociologia da ciência	151
11	O ANARQUISMO METODOLÓGICO	155
11.1	O anarquista metodológico	155
11.2	A tese da incomensurabilidade	155
11.3	A proposta de uma ciência não racional	157
11.4	A concepção feyerabendiana de anarquismo	158
11.5	O “vale-tudo” como única regra	159
11.6	A crítica do ideal de racionalidade	160
11.7	A crítica da ideia de evolução do conhecimento	162
	CONCLUSÃO	165
	REFERÊNCIAS	167

INTRODUÇÃO

Compreender a obra de um filósofo é como aventurar-se numa densa floresta para descobrir seus muitos mistérios escondidos. Algumas árvores serão percebidas com mais facilidade, outras ficarão escondidas em seus refúgios de pouco acesso. Gramíneas e musgos talvez nem sejam notados e as pequenas flores, encrespadas no tronco das mais altas árvores, poderão ser totalmente ignoradas ou apenas contempladas de muito longe.

Neste livro, propomos uma aventura na densa floresta do pensamento de Karl Popper, um dos filósofos mais notáveis do século XX, sobretudo no campo da epistemologia e da filosofia das ciências. Algumas das *grandes árvores* de sua obra serão mais facilmente percebidas; mas queremos chamar também a sua atenção para *gramíneas* e *musgos* que não deixam de ser fator importante para a compreensão de suas ideias. Algumas árvores serão vistas mais de perto, outras serão contempladas ao longe. Por fim, as *flores encrespadas no tronco das grandes árvores* serão como que os pontos-chave de sua filosofia, os pequenos detalhes que dão à floresta inteira o seu significado mais profundo.

Seguindo o preceito do próprio Popper, grafado na epígrafe inicial deste livro, queremos ser claros e simples, de modo a permitir que todos os leitores tirem o maior proveito possível destas páginas. A estrutura do texto, segmentado em curtas seções, permitirá uma compreensão progressiva dos aspectos fundamentais da filosofia popperiana.

Nossa intenção é também permitir uma compreensão do trabalho de Popper de forma aberta e crítica. Desse modo, os três últimos capítulos extrapolam a própria obra popperiana, ao tratar das análises críticas de Imre Lakatos, Thomas Kuhn e Paulo Feyerabend.

Esperamos que o presente trabalho contribua para a divulgação ampliada e a compreensão mais profunda do racionalismo crítico de Popper, cuja importância para a história da filosofia contemporânea não pode ser olvidada. Que, além de outros frutos de interesse acadêmico e filosófico, este livro também possa contribuir para a construção de um *mundo melhor*. Esse era o incansável anseio de Popper, escondido como diminuto musgo ou graminha em todos os cantos da imensa floresta... e em cada página de sua obra.

1 A DEMARCAÇÃO DO SABER

Iniciemos estas reflexões, sobre o pensamento de Karl Popper, abordando uma questão-chave para a compreensão de sua obra: a *demarcação científica*, ou seja, a necessidade de distinção entre os saberes válidos ou confiáveis daqueles sobre os quais se deve olhar com reserva e cuidado. Sem dúvida, há uma distinção importante entre ciência e senso comum, por exemplo, ou entre magia e conhecimento especializado. Importa compreender a razão dessa distinção, bem como sua função social e epistemológica.

1.1 A invenção das ciências

Todos os homens desejam saber, disse Aristóteles, nas primeiras linhas da *Metafísica*. De fato, a humanidade sempre manteve o desenvolvimento do saber e a produção de conhecimento, apesar das muitas diferenças em termos de quantidade e qualidade de tal produção, nas remotas distâncias dos séculos. Além disso, há um constante empenho da humanidade em *classificar* as formas de conhecimento historicamente produzidas, a fim de assegurar-se da validade de tais saberes (OLIVA, 1989, p. 249). Não basta, portanto, produzir conhecimento: é preciso ter certa garantia de que ele corresponde à verdade. Pensemos no caso

das primeiras comunidades humanas, por exemplo, em que a verdade era fundamental na distinção das plantas que serviam de alimento daquelas que eram veneno. Em todos os tempos, a verdade serve como parâmetro para nos ajudar a distinguir aquilo que conserva nossa vida daquilo que nos mata, em todos os sentidos.

Todos os homens desejam saber, isto é, desejam *estar na verdade*. Existe, portanto, uma linha que divide a verdade do erro, a fim de que o conhecimento humano possa dar frutos de *sobrevivência e satisfação* aos seus devotados produtores.

A linha de demarcação funciona, mais ou menos, como os limites de um campo de futebol: ela define o espaço onde o *jogo da ciência* deve acontecer. Essa linha, ao longo dos séculos, sofreu um curioso processo de *resignificação*. Em diversos momentos da história do pensamento, temos posições distintas quanto àquilo que deve estabelecer a diferença entre o conhecimento verdadeiro e o falso: é como se a linha do campo de futebol fosse redefinida, a partir de novas regras e critérios de como deve ser o jogo.

Vejam, por exemplo, o que ocorreu com a astrologia e a astronomia, no início da revolução científica desencadeada por Copérnico, Galileu e Kepler, entre os séculos XV e XVII. A astrologia, ao longo dos séculos, sempre gozou de grande prestígio, tendo influenciado muitas culturas e civilizações. De repente, em virtude do estabelecimento de novos *acordos e regras* de construção do saber, a astrologia foi totalmente descartada, passando a ser vista com total desprezo e desconfiança. A astronomia ocupou seu lugar, pois conseguiu se adequar mais facilmente aos novos preceitos de produção do saber, sobretudo à necessidade de experimentação empírica e de submissão aos princípios matemáticos. Outro exemplo eloquente ocorreu com a química e a

alquimia, uma vez que, em função dos novos limites traçados entre o conhecimento válido e o não válido, a primeira passou a ser respeitada e valorizada, enquanto à outra restou apenas a desconfiança por parte do *saber científico*.

Nesse sentido, pode-se dizer que a linha de demarcação é o que permite definir as regras da “invenção das ciências”, como sugere Stengers (2002). Não se trata, portanto, de um processo homogêneo e livre de tensões e conflitos. Pelo contrário, é um campo de batalha em defesa da racionalidade e da cientificidade, sem isenção de interesses que, por vezes, extrapolam os limites do próprio saber.

1.2 Popper e o problema da demarcação

A nossa intenção neste livro é analisar essa preocupação demarcacionista na filosofia da ciência do século XX, especificamente na obra de Karl Popper. Queremos, também, mostrar os alcances e os limites do pensamento popperiano. Desse modo, não deixaremos de considerar as posições críticas dos filósofos pós-popperianos, sobretudo Lakatos, Kuhn e Feyerabend (OLIVEIRA, 1996; VALLE, 1995).

Para compreender a questão da demarcação da ciência na obra de Popper, é preciso analisar, inicialmente, alguns elementos de caráter biográfico, sem, contudo, repetir os dados apresentados em outros trabalhos declaradamente históricos (BAUDOUIN, 1992; HACOHEN, 2000; MAGEE, 1979; SCHILPP, 1974). No entanto, de acordo com os nossos objetivos, seguem algumas linhas com teor historiográfico, a fim de facilitar a compreensão de alguns fatos que parecem decisivos na vida de Popper, especialmente no que tange à questão da demarcação.

Karl Raimund Popper (1902-1994) é um dos mais conhecidos e respeitados filósofos contemporâneos. Sua obra abarca os principais temas da filosofia da ciência e da filosofia política, estendendo-se desde os problemas da verdade e do método científico até as questões da tolerância e da paz. Algumas de suas obras mais conhecidas, publicadas em língua portuguesa, são: *A lógica da pesquisa científica*, *A sociedade aberta e seus inimigos*, *Conjecturas e refutações*, *Em busca de um mundo melhor*, *O mito do contexto* e *Conhecimento objetivo*. A filosofia de Popper é referência fundamental para a compreensão da epistemologia do século XX. Sua obra situa-se no centro das principais disputas científico-filosóficas que marcaram o desenvolvimento do pensamento epistemológico contemporâneo, sobretudo em relação ao problema da verdade, da racionalidade e do conhecimento científico. O principal conceito de sua filosofia é o racionalismo crítico, que ele concebe não apenas como teoria, mas como a atitude de estar disposto à discussão crítica, à avaliação permanente das próprias posições e à correção dos pontos de vista pessoais, tendo em vista a permanente busca da verdade.

